

# ENSINO DE HISTÓRIA E PRÁTICA EXTENSIONISTA: DESAFIOS FRENTE AOS NEGACIONISMOS HISTÓRICOS NO QUILOMBO MATINHA DOS PRETOS

Yuri Caetano do Carmo<sup>4</sup>  
Cristina Ferreira de Assis<sup>5</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados parciais de uma prática extensionista realizada pelos alunos do curso de licenciatura em História da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) em uma comunidade quilombola. De forma mais enfática, buscou-se evidenciar as lutas sociais e resistências da comunidade Matinha dos Pretos em seus enfrentamentos aos negacionismos históricos durante a ampliação de movimentos conservadores no último governo. Para isso, a atividade realizada se desenvolveu no âmbito do ensino de História, a partir de práticas que mobilizassem os professores e alunos no contexto das discussões sobre antirracismo impulsionadas em novembro de 2022. Para isso, a metodologia do trabalho foi desenvolvida a partir da produção didática de uma cartilha, cujos conhecimentos históricos pretenderam a viabilização de uma aprendizagem que se tornasse contínua sobre a cultura e a memória quilombola. Essa proposta se torna relevante tendo em vista a emergência do debate sobre a curricularização da extensão que acontece na UEFS e em todas as Instituições de Ensino Superior (IES). Por sua vez, o texto pretende contribuir para esse debate a partir de uma experiência da prática extensionista, embora não esgote essa discussão, apresentando desafios e avanços nesta modalidade de educação tão cara à atualidade. Por fim, as reflexões suscitadas ao longo da escrita também convidam a pensar sobre o potencial do ensino de História em caráter extensionista para a promoção da transformação social, entendendo que este somente se sustenta pautado na tríade: universidade, comunidade e escola.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Prática extensionista. Negacionismo. Educação Escolar Quilombola.

## HISTORY TEACHING AND EXTENSIONIST PRACTICE: CHALLENGES IN THE FRONT OF HISTORICAL NEGATIONISM IN THE QUILOMBO MATINHA DOS PRETOS

## ABSTRACT

The present work aims to present the partial results of an extensionist practice carried out by students of the degree course in History at the State University of Feira de Santana (UEFS) in a quilombola community. More emphatically, we sought to highlight the social struggles and resistance of the Matinha dos Pretos community in their

---

<sup>4</sup> Graduando de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: [contato.yuricaetano@gmail.com](mailto:contato.yuricaetano@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9880-3386>

<sup>5</sup> Professora Assistente da área de prática de ensino de História do Departamento de Educação na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: [cfassis@uefs.br](mailto:cfassis@uefs.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7365-6823>

*Baraúnas, n° 1, v.1, mai/dez, 2023*

confrontations with historical denialism during the expansion of conservative movements in the last government. For this, the activity carried out was developed within the scope of History teaching, based on practices that mobilized teachers and students in the context of discussions on anti-racism promoted in November of 2022. For this, the methodology of the work was developed from the production of a didactics of a booklet, whose historical knowledge intended to enable a learning process that would become continuous about the quilombola culture and memory. This proposal becomes relevant in view of the emergence of the debate on the curricularization of extension that takes place at UEFS and at all Higher Education Institutions (HEIs) in Brazil. In turn, the text intends to contribute to this debate based on an experience of extensionist practice, although it does not exhaust this discussion, presenting challenges and advances in this important modality of education nowadays. Finally, the reflections raised throughout the writing also invite us to think about the potential of History teaching in an extensionist way to promote social transformation, understanding that this can only be sustained based on the triad: university, community and school.

**Keywords:** History Teaching. Extension practice. Negationism. Quilombola School Education.

## **Introdução**

O debate das práticas extensionistas nos mais diversos cursos de graduação nas universidades brasileiras<sup>6</sup> vem se revelando um desafio, apresentando dificuldades na sua integralização e necessidades para que as formações acadêmicas repensem sua relação com os espaços além da universidade. Isso se justifica, dentre outras razões, em virtude de uma visão hierarquizada e maniqueísta sobre os diversos saberes que circulam entre o espaço acadêmico e as comunidades em seu entorno. Por outro lado, o debate em torno das práticas extensionistas têm possibilitado a revisão de uma perspectiva aplicacionista de saberes e de conhecimentos. Na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) este debate também fora suscitado<sup>7</sup> e desde então, as reformas curriculares vêm acontecendo na perspectiva de que a extensão se torne prática contínua das atividades de ensino. Assim, o debate em tela possui como enfoque o curso de Licenciatura em História, bem como os resultados parciais de uma prática extensionista, cuja pesquisa/ação se desdobra nas lutas sociais de uma comunidade quilombola. Ademais, esse texto revela as perspectivas e desafios enunciados não apenas pela

---

<sup>6</sup> Isso desde a aprovação da resolução de número 8 no dia 18 de novembro de 2018 da Câmara de Educação Superior (CES) do Conselho Nacional de Educação (CNE), que em sua epígrafe destacava o objetivo de estabelecer a Extensão na Educação Superior Brasileira dentro de uma nova formulação do Plano Nacional de Educação (PNE).

<sup>7</sup> Nela, o debate se fortaleceu a partir da aprovação da resolução 129/2019 do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) que estabelecia normativas próprias para integralizar a resolução da CES do CNE.

*Baraúnas, n.º 1, v. I, mai/dez, 2023*

comunidade, mas também na formação docente no processo de transpor os muros da universidade com as práticas no ensino de História.

O presente trabalho é fruto de uma atividade extensionista organizada por 4 estudantes<sup>8</sup> do supracitado curso e que fora condicionada por esse amplo processo de debates e reformulações. Trata-se do resultado de uma proposta construída durante a disciplina “EDU391 – Metodologia Do Ensino Da História”<sup>9</sup> no semestre letivo 2022.2, momento da primeira oferta deste componente curricular com sua nova ementa e divisões de carga horária<sup>10</sup> para se adequar ao debate da curricularização da extensão na UEFS. Vale destacar que, muito por conta do recente contexto pandêmico, o processo de construção desta atividade fora atravessado por diversos percalços, desde questões de compreensão do que é a extensão por parte dos estudantes até questões de ausência de orçamento específico para a concretização de práticas extensionistas da instituição, reflexo de como o Estado tem sido omissivo com a extensão nas Universidades Públicas. Contudo, a proposta extensionista tem como uma de suas perspectivas a promoção da transformação social. Nesse sentido, com o avanço dos movimentos conservadores negacionistas e revisionistas, impulsionados especialmente no último governo, têm repercutido entre os diferentes saberes mobilizados na cultura escolar a necessidade de práticas no ensino de História antirracistas e combativas à essas forças. Por sua vez, essas práticas são influenciadas pelas demandas sociais, que também estão inseridas no espaço escolar. Por essa via, Napolitano (2021) vem considerando não ser um trabalho exclusivo dos historiadores a busca por novas abordagens e metodologias que evidenciem as lutas sociais ameaçadas de grupos subalternizados.

A extensão em História, portanto, é compreendida neste trabalho como um processo de construção conjunta, que envolve a tríade: academia, comunidade e escola. Considerando que a prática no campo do ensino de história não compreende somente a aplicabilidade de conhecimentos e de conteúdos, assim como não identifica a universidade como superior em relação à escola. O enfrentamento às diversas facetas do negacionismo por professores e alunos envolve o fortalecimento de uma educação histórica que incite a formação de sujeitos comprometidos com as mudanças sociais nos

---

<sup>8</sup> Sendo estes: John Cleisson Azevedo, Milena Santos, Victoria Anthony Leal e Yuri Caetano

<sup>9</sup> Ministrada pela Prof<sup>a</sup> Msa. Cristina Ferreira de Assis

<sup>10</sup> No currículo 434, este componente curricular chamava-se “EDU346: Metodologia e Didática do Ensino de História”. Após a reforma curricular o mesmo fora desmembrado, sendo agora um componente de 90 horas de carga horária divididas em 3 modalidades: 30 horas práticas, 30 horas teóricas e 30 horas extensionistas.

*Baraúnas, n.º 1, v.1, mai/dez, 2023*

locais onde vivem e que se identifiquem como protagonistas dessas transformações. Não é pretensão deste trabalho esgotar a discussão em torno das práticas extensionistas no ensino de História, assim como dos enfrentamentos aos negacionismos do tempo presente. Compreendendo seus limites, essa discussão visa compartilhar aprendizagens históricas mútuas da relação entre universidade e escola, que contribuam para o processo de integralização dessas práticas em outros cursos e espaços.

A atividade em formato de oficina foi realizada durante o segundo semestre de 2022 partiu de uma intensa e permanente discussão envolvendo a relação entre ensino e aprendizagens em História, com ênfase sobre os negacionismos do tempo presente e seus desafios na luta contra o racismo. A prática extensionista culminou na seleção de um espaço que apresentasse necessidades e desafios relacionados à temática e que possibilitasse a inserção dos estudantes do curso de História da UEFS e um envolvimento destes com a comunidade escolar.<sup>11</sup>

Desse modo, fora colocada em prática a atividade extensionista intitulada “Escravidão, resistência e quilombos no Brasil a partir dos lugares da memória da Matinha dos pretos, Feira de Santana, Bahia.” na instituição de ensino Escola Municipal Rosa Maria Esperidião Leite, localizada na comunidade quilombola Matinha dos Pretos, em Feira de Santana, estado da Bahia.

A fim de apresentar parte dos resultados da atividade desenvolvida pela UEFS, este texto está estruturado da seguinte forma: uma breve análise da história do quilombo e sua lida com as práticas educativas a partir da Escola Municipal Rosa Maria Esperidião Leite; uma discussão sobre enfrentamento aos negacionismos históricos na comunidade, que mobilizaram o desenvolvimento da atividade extensionista. Ao final, está presente uma seção de considerações finais, fruto da reflexão sobre os resultados da prática extensionista e que vem como uma contribuição para o debate, tendo em vista sua emergência dentro das Instituições de Educação Superior (IES) por todo Brasil. Buscamos fazer uma reflexão teórica da prática de uma modalidade que está em plena implantação, portanto as contribuições deste trabalho são relevantes para o campo da extensão e podem até mesmo ser úteis para identificar desafios e perspectivas no processo.

---

<sup>11</sup> Considerando que esta é composta por diversas dimensões como: estudantes, professores, funcionários, pais e comunidade em que está inserida.  
*Baraúnas, n° 1, v.1, mai/dez, 2023*

## **O quilombo Matinha dos Pretos: desafios do tempo presente**

A atividade extensionista fora construída pensando especialmente em definir um público alvo que a escola sinalizasse que necessitava da dinâmica que seria ofertada, contribuindo para a descolonização de um currículo tradicional e valorizando as capacidades de autodiagnóstico da gestão escolar.

Aqui vale uma breve retomada do histórico que motivou esta instituição de ensino a ser aberta para membros da comunidade que queiram desenvolver atividades em seu interior. Após a aprovação da lei número 10.639/03 e 11.645/08 e com o reconhecimento no ano de 2014 pela Fundação Cultural Palmares da comunidade Matinha dos Pretos como remanescente de quilombo - Certificada pela Fundação Palmares em 21 de maio de 2014, (BRASIL, 2014, p. 13) - a Escola Municipal Rosa Maria Esperidião Leite procedeu em realizar uma mudança curricular que envolveu várias reformas do Projeto Político Pedagógico (PPP), isso tudo por iniciativa dos docentes da escola sem nenhum tipo de aparato do poder público municipal para isto. Faz sentido que isto tenha ocorrido, visto que a mesma se trata da única instituição de ensino com abrangência até os anos finais do ensino fundamental dentro do território da comunidade quilombola, mas que ainda apresenta dificuldades para integralizar e formalizar as práticas antirracistas como a normativa para a Educação Escolar Quilombola preconiza. Trata-se, portanto, de uma instituição com um currículo escolar que ainda não se adequou à comunidade que atende, mas que possui em seu corpo gestor e docente, profissionais que buscam se integrar nas pautas da comunidade escolar para melhor introdução dos alunos nas práticas culturais do lugar onde estes se encontram (SOUZA, 2015).

Faz-se relevante, portanto, considerar que as leis 10.639/03 e a 11.645/08 são conquistas sociais, mas que, sozinhas, não são capazes de garantir a redução de práticas de ensino eurocêntricas e colonializadas. Por isso, a escolha desta comunidade e desta instituição fora acertada. Trata-se de uma instituição de ensino que carece de apoio do poder público municipal – enquanto seu mantenedor – para a efetivação das leis educacionais e que busca isso com os próprios membros da comunidade quilombola na perspectiva de uma construção de um currículo escolar que seja construído para além dos muros da escola, o que por si só já se configura como uma relevante tática de enfrentamento.

O projeto foi apresentado para duas turmas de 8º ano (A e B), totalizando 25 alunos. A escolha desta faixa etária foi uma indicação da direção escolar tendo em vista a preocupação do corpo docente com a construção identitária deste grupo em específico, sendo eles, segundo a direção, os que mais apresentavam dificuldades e desafios para a inserção nas discussões sobre a temática quilombola durante o ano letivo. Outro fator que regeu a escolha dessas turmas foi o fato de se encontrarem próximas à uma idade escolar onde o êxodo forçoso da escola dentro da comunidade quilombola acontece em virtude da ausência de oferta do Ensino Médio no território. Nesse momento de saída da comunidade, os estudantes costumam ter contato com milhares de outras culturas e realidades, o que faz com que os mesmos, na ausência de uma compreensão sobre suas próprias identidades, se afastem do “ser quilombola” e até mesmo sejam influenciados à uma visão negativa desta sua etnicidade.

Deste modo, percebe-se que a atividade proposta seria plenamente aproveitada, uma vez que buscaria articular a história da própria comunidade quilombola com o debate sobre a resistência a escravidão no Brasil, entender o surgimento dos quilombos, suas (re)existências e seu papel enquanto instrumento de rebelião negra contra o sistema escravista e reconhecer a relevância histórica das atuações dos quilombolas do passado e do presente no território da comunidade quilombola Matinha dos Pretos, além de apresentar quem foram esses sujeitos e suas relações com os moradores desta comunidade, destacando que esses objetivos seriam alcançados a partir dos lugares da memória da própria comunidade, Aqui entendidos a partir da produção de Carmo (2022):

como pertencentes “a dois domínios [...] simples e ambíguos, naturais e artificiais” (NORA, 1993, p. 21), [...] onde as pessoas depositam suas memórias ou suas memorias ficam depositadas. [...] espaços basilares que mediam a relação entre memória e sentimento, sendo as vezes plano de fundo, as vezes carro chefe principal do processo de rememoração história, mas se estabelecendo como elemento de presença constante na memória coletiva.” (CARMO, 2022, p. 1-2).

Toda essa discussão é cara ao grupo de estudantes escolhido, sendo ela um dos modos de se construir identidade nos sujeitos em um contexto de ausência de meios curriculares formais que levem em consideração a necessidade desse processo para a formação do aluno e também significa uma colaboração com o processo de desconstrução e reconstrução do currículo tradicional já levado a frente pelos professores da instituição de modo independente. Railma Souza (2016), em sua *Baraúnas, n° 1, v.1, mai/dez, 2023*

dissertação de mestrado, conclui que a atitude da instituição ao levar uma Educação Quilombola para uma escola de currículo tradicional “é antes de tudo uma iniciativa militante de professoras que compreendem a importância da implementação da modalidade na escola para o fortalecimento da identidade negra e quilombola” (SOUZA, 2016, p. 125).

Vale ressaltar que a atividade se deu em um momento bastante propício, haja vista que toda a comunidade - inclusive a escola - tem organizado programações referentes ao mês em que se comemora o dia da Consciência Negra (20 de novembro) e que alguns dos jovens que estavam envolvidos na oficina haviam participado de um evento no dia anterior de sua realização na praça da comunidade onde o trabalho base para a atividade extensionista foi exposto e discutido a partir de reflexões dos próprios quilombolas. Nesse sentido, conseguimos perceber que havia em andamento uma boa problematização inicial que foi, de certa forma, aproveitada para a realização da atividade de extensão e que esta não se limitou à uma oferta da academia para a comunidade, mas sim tratou-se de uma articulação de saberes de ambas as partes envolvidas e afetadas por sua realização.

### **Enfrentamentos ao negacionismo no Ensino de História na Escola Municipal Rosa Maria Esperidião Leite**

Conforme discutido anteriormente, a atividade extensionista se pautou em uma tática de enfrentamento ao negacionismo através do fortalecimento identitário dos estudantes da escola com a realidade prática em que os mesmos estão inseridos cotidianamente. Nesse sentido, o trabalho dividiu-se em dois momentos: o primeiro foi estruturado como um debate envolvendo professores, alunos e funcionários da escola com a temática principal da atividade (resistência à escravidão e formação dos quilombos no Brasil) e a segunda parte uma visita em campo, orientada pelos proponentes da atividade extensionista, novamente em conjunto à comunidade escolar.

Na segunda parte, os alunos receberam um roteiro de viagem na própria comunidade, as cartilhas sobre os lugares da memória da comunidade quilombola Matinha dos Pretos<sup>12</sup>, possibilitando que os mesmos pudessem conhecer os lugares que seriam visitados de maneira breve e também facilitando a dinâmica de apresentação dos

---

<sup>12</sup> A cartilha foi produzida pelos proponentes da atividade extensionista a partir da produção de Carmo (2022) como fruto de seu trabalho de pesquisa de iniciação científica fomentado pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

*Baraúnas, n° 1, v.1, mai/dez, 2023*

locais, uma vez que os próprios alunos leriam as descrições para iniciar o debate *in loco*. Além disso, o uso da cartilha tinha um objetivo consultivo no pós-atividade e poderia até mesmo ser utilizado para instituição para a organização de outros momentos escolares.

**Imagem 1**  
**“Os Lugares da Nossa História e Memória” utilizadas**  
**no dia da atividade extensionista**



Fonte: Acervo pessoal. Páginas 05 e 02 da cartilha

Após o retorno dos estudantes os alunos foram convidados a responderem a uma última indagação na cartilha entregue: **“Nossa comunidade é rica em história e**

**nossos lugares também. agora escreva no quadro abaixo uma palavra que represente o que não pode faltar nesses lugares da memória da nossa comunidade hoje”.**

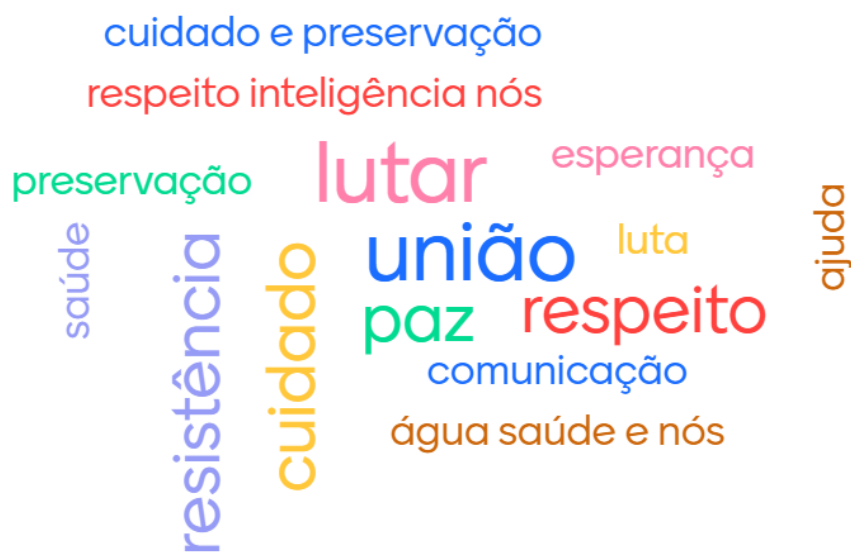
De maneira geral, os alunos apresentaram uma boa participação e entendimento do que estava sendo ensinado, tanto dentro quanto fora da sala de aula, interagindo com o que estavam ouvindo. As respostas dadas pelos estudantes na questão apresentada na cartilha foram esquematizadas na nuvem de ideias que segue:

## **Imagem 2**

**Nuvem de ideias das respostas dadas pelos alunos do 8º ano A e B à pergunta final da cartilha didática: “Os Lugares da Nossa História e Memória”<sup>13</sup>**

---

<sup>13</sup> Vale ressaltar que, no esquema, as palavras maiores representam as respostas que se repetiram com maior frequência nas respostas dos alunos e as menores as que menos se repetiram.  
*Baraúnas, n.º 1, v.1, mai/dez, 2023*



**Fonte:** Elaborado pelos autores

Em uma análise sintética, a atividade extensionista se concretizou de maneira plena e até mesmo superou as expectativas. Foi percebido que os estudantes que estavam no público alvo da atividade conseguiram se conectar com as histórias apresentadas na medida em que os mesmos ajudaram a contar as histórias dos locais visitados. Foi curioso perceber que os estudantes cotidianamente visitavam os lugares da memória da comunidade, mas somente a partir dos procedimentos metodológicos conseguiram desenvolver consciência histórica a partir de seus elementos constitutivos que Martins (2019) estabelece sendo “o da identidade pessoal e o da compreensão do conjunto social a que pertence, situados no tempo” (MARTINS, 2019, p. 55).

A relevância do reconhecimento por parte dos educandos de sua participação na história contemporânea dos lugares que um dia foram dos seus antepassados, significou o aprendizado da história e fez com que aqueles agentes fossem capazes de fixar e articular o saber curricular e o saber prático. A relação de palavras que se repetiram denota que a atividade extensionista foi capaz de fixar o significado dos lugares da memória da comunidade quilombola, especialmente se percebermos que palavras como “resistência”, “luta” e “união”.

A escola nos recebeu de forma bastante cautelosa e estavam dispostos a ajudar em tudo que precisávamos, fazendo com que nós nos sentíssemos confortáveis e bem vindos no ambiente, nos apresentando alguns locais da escola, aos demais funcionários.

*Baraúnas, n° 1, v.1, mai/dez, 2023*

A colaboração da escola denota o cuidado que a instituição possui com práticas que aguçam e auxiliam no desenvolvimento do arcabouço cultural de seus estudantes, algo que faz sentido, já que, ainda segundo Souza (2015) a escola é um dos mais importantes meios de um processo de ressignificação de uma identidade quilombola na comunidade e:

Essa ressignificação da identidade quilombola nos permite inferir que "a identidade torna-se unia 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam". (SOUZA, 2015, p. 78)

O sentimento, portanto, é de que o objetivo da tarefa, enquanto uma atividade extensionista foi alcançado, especialmente se entendermos que a extensão na Universidade Estadual de Feira de Santana:

tem como principais objetivos sensibilizar e mobilizar a comunidade da UEFS para um “fazer universitário” que promova a reflexão sobre a necessidade de conciliar as suas ações acadêmicas às demandas da sociedade e contribuir para a construção de uma Universidade que forme indivíduos capazes de questionar a sua própria realidade e, por meio de uma postura crítica, colaborem para a construção de uma sociedade mais humana. [...] (UEFS, 2020)

E ainda acabaram trilhando caminho pela concepção de Freire (2014) sobre extensão, que diz: “o objetivo fundamental do extensionista, no trabalho de extensão, é tentar fazer com que aqueles substituam seus “conhecimentos”, associados a sua ação sobre a realidade, por outros. E estes são os conhecimentos do extensionista” (FREIRE, 2014, p. 16). Instrumentalizam também uma geminação de valores formativos culturais e identitários, conseguindo articular a formação de uma barreira dentro do sujeito contra os recém impulsionados negacionismos sobre o “ser quilombola”, utilizando da própria comunidade para assim fazer.

### **Considerações finais: contribuições para pensar a extensão como instrumento de combate ao negacionismo**

De certo ainda não há uma fórmula completa sobre o fazer extensionista nos cursos de graduação da educação superior brasileira. Contudo, é necessário postular que talvez a essência deste fazer esteja na percepção do que a sociedade pode contribuir para a transformação social. Nesse sentido, é relevante que as práticas de extensão possuam sempre em norte que o saber acadêmico não sobrepassa e nem anula o saber de outros espaços – muitas vezes não formais e outras vezes formais – de construção do sujeito.

*Baraúnas, n° 1, v.1, mai/dez, 2023*

Os últimos anos no Brasil demonstram que a História enquanto campo é um alvo de toda e qualquer ideologia que busca a destruição da identidade nacional, a supremacia dos autoritarismos, a negação da diversidade brasileira e das lutas de grupos considerados minoritários. As armas utilizadas para atacar este campo são diversas, mas com certeza a mais pesada é o:

recurso à mentira pura e simples sobre um evento ou fato histórico comprovado por fontes e por consenso de historiadores (independentemente das interpretações que se possa fazer sobre suas causas ou desdobramentos) conhecido pelo nome de negacionismo. (NAPOLITANO, 2021, p.86)

Ao realizar uma atividade de construção de conhecimento histórico focando no desenvolvimento de uma consciência histórica nos sujeitos, a partir de suas realidades e calcados em um trabalho onde os sujeitos “sem voz” foram os principais oradores, sem dúvidas há uma importante transformação dentro daquele que recebe esta ação. É relevante ressaltar que estes sujeitos não se veem cotidianamente nos instrumentos da educação como livros e materiais didáticos construídos por grandes editoras, e estão submetidos a uma concepção de ensino que não coloca em prática as previsões legais especiais que o espaço de inserção destes requer.

Desse modo, a atividade realizada se tornou fomentadora de um importante processo, a construção dos sujeitos capazes de se reconhecerem em suas comunidades locais e conscientes das necessidades vivenciadas naquele espaço. Essa é uma competência que fortalece os princípios do ensino de História na tarefa de contribuir para a formação da consciência histórica, sendo a História a “ciência do homem no tempo” (BLOCH, 2002, p. 55) como instrumento de defesa de sua identidade.

Assim, a atividade extensionista realizada a partir da elaboração da cartilha supramencionada, avança em uma reconstrução do próprio currículo naquele espaço escolar. Por sua vez, o currículo deve ser estruturado a partir da práxis, sendo um processo constante e construído a partir da contribuição de diversas mãos, além de ter um papel basilar na finalidade dos processos educativos enquanto expressões socializadoras e culturais (SILVA, 2006, p. 4820). Nesse sentido, aponta-se que a extensão se revelou uma estratégia para exercer novos sentidos para o currículo, no ensino de História, uma vez que ela oportunizou considerar a relevância daqueles que não faziam ou não se sentiam parte da História dita oficial, ou tradicional.

O paradigma da Escola Municipal Rosa Maria Esperidião Leite também é interessante para se perceber a relevância da formação de sujeitos capacitados para atuarem e militarem pela afirmação das conquistas históricas de seus grupos. Conforme mencionado anteriormente, trata-se de uma escola tradicional situada em um território quilombola, tendo em sua comunidade escolar um grupo social que através de lutas conquistou a previsão de uma estrutura educacional diferenciada e adaptada às necessidades deste grupo. O parecer do Conselho Nacional de Educação sobre a educação escolar quilombola previa e apresentava propostas para todas as necessidades especiais destas comunidades, porém a prática se distanciou destas. Compreendendo necessidade como bem-estar, o Estado brasileiro ignorou e ignora com o aval de todas as instâncias do poder e dimensões de governança o clamor dessas comunidades pela manutenção de suas características étnico-culturais, manutenção esta que começa na educação dos sujeitos.

Ao realizar a extensão na comunidade, observou-se que minimamente foi possível contribuir para que se cumprisse, junto ao esforço daqueles que fazem parte da realidade escolar, o que prevê a normativa no que se refere a Educação Escolar Quilombola, que diz:

a Educação Escolar Quilombola deverá ir mais além: ao dialogar e inserir os conhecimentos tradicionais em comunicação com o global, o nacional, o regional e o local, algumas dimensões deverão constar de forma nuclear nos currículos das escolas rurais e urbanas que ofertam a Educação Escolar Quilombola ao longo das suas etapas e modalidades: a cultura, as tradições, a oralidade, a memória, a ancestralidade, o mundo do trabalho, o etnodesenvolvimento, a estética, as lutas pela terra e pelo território.

Para tal, faz-se necessário abrir espaços, de fato, para maior participação da comunidade e dos movimentos sociais e construir outras formas de participação coletiva e de consulta, nas quais docentes, gestores, pedagogos e estudantes dialoguem com as lideranças quilombolas, pessoas da comunidade, anciãos e anciãs e educadores quilombolas. Um currículo flexível e aberto só poderá ser construído se a flexibilidade e a abertura forem, realmente, as formas adotadas na relação estabelecida entre a instituição escolar e a comunidade. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012, p. 42)

Compreende-se, portanto, que o combate ao negacionismo se inicia na afirmação do sujeito a partir de como ele se compreende e como sujeito quilombola. Somente assim, nos aproximamos da formação de uma consciência histórica

desenvolvida em conjunto com a percepção de uma identidade étnica pautada na relevância da ancestralidade e do pertencimento.

O que antes era apenas o lugar para, conforme relato de um dos estudantes, “dar banho no cavalo e água para égua” foi ressignificado para o espaço de início do processo de aquilombamento do quilombo Matinha dos Pretos. Essa transformação de compreensão não foi possível apenas pela atividade extensionista, mas sim pelo modo que essa foi construída e foi capaz de articular o saber cotidiano dos alunos – o que se escuta nos espaços de sociabilidade e de seus parentes – com o saber curricular. E é por esse caminho que pode trilhar o fazer extensionista.

Cabe, portanto, que pensemos além do teórico no momento de utilização da extensão em nossas práticas cotidianas no momento de formação dos professores e de sala de aula. Ela não pode se limitar ao mero instrumento de complementação de carga horária. Para que um ensino de História faça sentido, o ensinar precisa se estabelecer enquanto espaço de inserção e de contribuições de todos os setores da sociedade. Por outro lado, a extensão na universidade deve ser compreendida enquanto o momento que quebramos os muros físicos e intelectuais para a construção do saber qualificado e prático, levando em consideração que “a vida social é essencialmente prática” (MARX; ENGELS, 2019, p. 91) e que a construção do conhecimento é feita por diversos sujeitos que vivenciam esta vida social, com diversas capacidades e diversos níveis de conhecimentos formais e informais.

Por fim, espera-se a partir da explanação dessa atividade realizada na UEFS que outros estudantes mobilizem estratégias junto às comunidades, a fim de que os sujeitos nelas presentes a identifiquem como lugares da memória, envolvendo ainda o lugar da “luta”, e da “preservação”, além do “respeito” nestes espaços. A atividade foi responsável por articular e estabelecer relações entre as histórias do cotidiano diário dos educandos e o conhecimento acadêmico da história da resistência a escravidão, aproximando àquilo que parecia ser acontecimento distante, da compreensão prática destes.

## Referências

BRASIL. Portaria nº 61, de 20 de maio de 2014. REGISTRAR no Livro de Cadastro Geral nº 16 e CERTIFICAR que, conforme a declaração de Autodefinição e o processo em tramitação na Fundação Cultural Palmares, as comunidades a seguir SE AUTODEFINEM COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO. **Diário Oficial da União**: FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, Brasília, DF: Imprensa Nacional, n. 95, p. 13, 21 mai. 2014.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.649, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF: Imprensa Nacional, 10 jan. 2003.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF: Imprensa Nacional, 11 mar. 2008.

CARMO, Yuri C. do. Resumo SEMIC:: OS LUGARES QUE CONTAM HISTÓRIAS E RESGATAM A MEMÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MATINHA DOS PRETOS. **Anais do Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana**, Feira de Santana, BA, 26 jan. 2023. *(No prelo)*

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Teses sobre Feuerbach. In: **A Ideologia Alemã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. p. 89 - 91.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB 16/2012. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**, Brasília, DF: Imprensa Nacional, 20 nov. 2012.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. *In*: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (org.). **Novos combates pela História**: Desafios. São Paulo: Contexto, 2021. p. 85 - 114.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.** [S. l.], 10 jan. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 21 nov. 2022.

**SILVA, Maria Aparecida da.** História do Currículo e Currículo como Construção Histórico-cultural. *In*: Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 4820-4828.

SOUZA, Railma dos Santos. “Identidade quilombola em Matinha dos pretos e Fazenda Candeal (Feira de Santana/BA)”, *In*: MIRANDA, Eduardo O. (Org.). **Educação afro-brasileira**: encruzilhadas das experiências culturais. Salvador: Kawo-Kabiyesile, 2015, pp. 65-80.

\_\_\_\_\_. **Memória e História Quilombola: Experiência Negra Em Matinha Dos Pretos E Candeal (Feira De Santana/Ba)**. Dissertação (Mestrado Profissional Em História Da África, Da Diáspora E Dos Povos Indígenas). Cachoeira: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, 2016.

UEFS. PROEX. A Extensão na UEFS. *In*: **Site da Pró-Reitoria de Extensão da UEFS**. [S. l.], 2020. Disponível em: <http://proex.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=4>. Acesso em: 22 nov. 2022.